

MODESTO, Luiz Sergio (2001). Paz de Lennon intimida coletividade-bando EUA. *In Caros Amigos*. Nº 55. Outubro de 2001. P. 25. São Paulo: Editora Casa Amarela.

MODESTO, Luiz Sergio (2001). Imagine. *In Caros Amigos*. Nº 55. Outubro de 2001. P. 25. São Paulo: Editora Casa Amarela.

## PAZ DE LENNON INTIMIDA COLETIVIDADE-BANDO EUA

### LUIZ SERGIO MODESTO

Os conflitos políticos nos espaços públicos freqüentemente invadem a eutímia, a paz espiritual do espaço doméstico, como na recente censura à execução no território das coletividades dos Estados Unidos da América do Norte da canção pacifista *Imagine* (boxe ao lado), de John Lennon, dentre outras 150 listadas pela rede de rádios Clear Channel Communications, com sede no Texas, e que reúne 1.170 emissoras. Faz sentido. É o artifício de indução bélica da população, após os atentados de 11 de setembro último, em Washington e Nova York, de autoria problemática.

Caracteriza uma coletividade-estado, na sua ação política – brutação por mando ou força, passíveis de justificação –, restringir-se ao mando qualificado pela administração representativa das diversas coletividades que contrastam ou conflitam no território. Trocando em miúdos: é fenomenologicamente próprio da coletividade-estado o emprego de meios pacíficos na superposição política no espaço público sobre as coletividades do território, ou com aquelas de outros territórios, mediante ação normativa de várias espécies, por ética, moral, exemplo, autoridade, rito, direito, *sharia*, modelo, comércio etc. Quando, na ação política, domina a força invasiva do espaço doméstico, ou do espaço público, temos coletividade-bando, conquanto nominalmente travestida de coletividade-estado, que na forma (totalitária e dissipadora das coletividades) conhecemos designada “Estado” pela teoria política.

O que John Ono Lennon tem a ver com a coletividade-estado ou com a coletividade-bando? Nascido aos 9 de outubro de 1940 em Liverpool, plena Segunda Guerra Mundial, a temporada racista da coletividade-bando Alemanha nazista bombardeando os ingleses, aos 2 anos de idade foi abandonado pelo pai. Aos 5 passa a ser criado pela tia materna, face às dificuldades econômicas enfrentadas pela mãe. Histórias como essa freqüentemente desandam. A diferença esteve no amor, na paz amparada pela tia Mimi. Sua rebeldia foi convertida pela criatividade que pôde vicejar no espaço doméstico da coletividade-família, cuja dominância está no acaso da eutímia, e só residualmente na política do mando, não da força. Aquela ação político-censória de *Imagine*, portanto, afronta o mito ofertado pela coletividade-família EUA, em 1969, com Woodstock e o extracotidiano do amor e da paz entre coletividades.

A história de Lennon, do herói ao mito, *alter ego* do conjunto musical Beatles, todos conhecemos pelos inúmeros prazeres musicais que ainda ouvimos contagiados. São produtos típicos da coletividade-família: falam de não-violência no cotidiano, servindo ao extracotidiano pela reiteração da palavra *love* – amor. Desde *Love me Do* (5/10/62), passando por *She Loves You*, *It's only Love*, *The Word [Is Love]*, *All You Need Is Love*, até o último dia em comunhão Beatle, 20/8/69, Lennon conjugou o termo *love* nos catorze álbuns oficiais do conjunto, em média, 2,5 vezes por canção, sem contar a carreira individual.

Pouco observado nessa produção, enquanto *persona* Beatle, ou na comunhão de outras parcerias, foi o contágio de sua augeridade – liberdade idiossincrásica de uma *persona* criando similaridades eutímicas – no espaço doméstico e, para o temor da coletividade-bando EUA (travestida de coletividade-estado), no espaço público. Quais foram as similaridades criadas pela augeridade de Lennon, que ainda intimidam por temor da paz? Suas canções implicaram interpretantes emocionais imediatos e duradouros para todo o mercado mundial, independentemente da faixa etária do receptor. Suas canções foram especialmente desconcertantes para o *establishment* bélico, como *Happiness Is A Warm Gun* (1968). Estocando musicalmente o lazer armado no território norte-americano, Lennon desconstrói o sentido do título de uma propaganda de armas, pervertendo o gatilho fatal pelo clitóris da mulher cantada.

Outros trabalhos de 1968 voltam a espicaçar os prepostos da coletividade-bando EUA, envolvidos na Guerra do Vietnã (1964-1973). Sua revolução era cultural, desarme do espírito. *Revolution 1* celebra: “quando você fala sobre destruição, não sabe que deixa

de contar comigo?” *Revolution 9* previne, mediante colagem sonora de vanguarda, sons de metralhadoras, gritos de terror, contra o sadomasoquismo da coletividade-bando EUA e suas guerras, internas (Ku Klux Klan, macarthismo, *serial killers*, FBI em Wako, Oklahoma, o maior *gulag* prisional do mundo para minorias raciais e culturais...), ou externas. Phil Sutcliffe relata: em 15 de novembro de 1969, frente à Casa Branca, centenas de milhares de pessoas protestam, cantando para Nixon “tudo que estamos dizendo é dê uma chance para a paz”.

Lembrando experiências pacíficas de Gandhi na Índia, em 1972 Lennon termina um *show* em Nova York mobilizando a audiência com tamborins e marchando pela Quinta Avenida: o mantra é *Give Peace A Chance*, canção de 1969. Armado com sua guitarra, Lennon foi co-responsável pela derrota da coletividade-bando EUA em 1973, e esta deixou 3 a 4 milhões de vietnamitas, 1,5 a 2 milhões de laosianos e cambojanos e 58.000 norte-americanos mortos. A arte pode desarmar o espírito, expor o lucro do luto.

Assassinado em 8 de dezembro de 1980, Lennon e sua augeridade continuam a contagiar a coletividade-família, frente ao fundamentalismo islâmico da coletividade-bando responsável pela matança no Pentágono (Washington) e nas *twin towers* (Nova York), com aproximadas 5.960 mortes, similar ao fundamentalismo puritano da coletividade-bando EUA. Essa coletividade é uma assídua patrocinadora do terrorismo mundial, matando civis, mulheres e crianças – basta lembrar o terror nuclear de 6 e 9 de agosto de 1945 contra as *twin towns* Hiroxima e Nagasaki, com respectivas 130.000 e 20.000 mortes, cidades-laboratório para a indústria da matança ianque, usadas como recado sinistro para Stálin, com um Japão praticamente rendido. Ainda lembrando: Coréia (1950-1953), com 415.004 sul-coreanos, 3.094 aliados e 33.629 norte-americanos mortos, armamento e apoio econômico para a coleti-

## IMAGINE

Imagine haver nenhum paraíso  
é fácil se você tenta  
nenhum inferno abaixo conosco  
acima conosco só céu  
imagine todas as pessoas  
vivendo por hoje ...

*Imagine there's no heaven  
it's easy if you try  
no hell below us  
above us only sky  
imagine all the people  
living for today ...*

Imagine haver nenhum país  
não é difícil pra fazer  
nada pra matar ou por morrer  
e nenhuma religião aliás  
imagine todas as pessoas  
vivendo vida em paz ...

*Imagine there's no countries  
it isn't hard to do  
nothing to kill or die for  
and no religion too  
imagine all the people  
living life in peace ...*

Você pode dizer sou um sonhador  
mas eu só não sou comunhão  
eu espero ainda você junto conosco  
e o mundo irá ser qual comunhão

*You may say I'm a dreamer  
but I'm not the only one  
I hope someday you'll join us  
and the world will be as one*

Imagine nenhuma possessão  
eu espero se você pode  
nenhum precisar por cobiça ou fome  
da fraternidade no humano  
imagine todas as pessoas  
partilhando todo o mundo ...

*Imagine no possessions  
I wonder if you can  
no need for greed or hunger  
a brotherhood of man  
imagine all the people  
sharing all the world ...*

Você pode dizer sou um sonhador  
mas eu só não sou comunhão  
eu espero ainda você junto conosco  
*and the world will live as one*

*You may say I'm a dreamer  
but I'm not the only one  
I hope someday you'll join us  
and the world will live as one*

**Reversão por Luiz Sergio Modesto**

(Técnica diversa da “tradução” - ver, do autor [1999],  
Arquério: Fratura Colateral da Cultura, PUC-SP)

vidade-bando Israel e seu genocídio contra palestinos (582 palestinos e 167 israelenses mortos). A lista pode continuar, caro leitor, República Dominicana em 1965, Chile em 11 de setembro de 1973 ...

Discursando perante o Congresso em 20 de setembro, escudado pela derrota eleitoral que o corrupto judiciário converteu em cargo presidencial, cuja legitimidade se busca mediante vingança sem ONU e sem lei, George Walker Bush, parte que é juiz da própria causa, tem credenciais para implementar aqueles homicídios bélicos da coletividade-bando EUA. Sua arrogância fundamentalista plagia a do inimigo, na “batalha monumental do bem contra o mal”: “Cada país (...) precisa decidir: ou está conosco ou com os terroristas”. Estar com essa coletividade implica trocar o terrorismo anônimo pelo terrorismo fardado, e repetir práticas policiais de Nova York, com xenofobia nas detenções mediante perfil racial (*racial profiling*) para aqueles que têm pele escura, sotaque árabe, uso de turbante, barba longa. Aprovar, como feito pela Assembléia Legislativa da cidade, a pena de morte para supostos terroristas e cúmplices, utilizando tipos penais abrangentes e vagos de “crime de Estado”.

Esse “Estado policial”, como descrito por Gore Vidal, se alastra pelo território norte-americano com júris de inquisição (*grand jury*) ligeiros nas suas permissões de buscas, invasões de domicílio, violação de contas bancárias, prisões indiscriminadas, escuta telefônica ou eletrônica, com desprezo por convencer um juiz da existência de evidência incriminadora, aplicação de sigilo absoluto a testemunhas, suprimindo liberdade de expressão, detenção por tempo indeterminado etc. Como disse: “Eu quero justiça”, qual no “velho cartaz lá no velho oeste que diz: ‘Procurado, vivo ou morto’.”. Tal “justiça” repete o arsenal típico das ditaduras execradas pelos EUA nos discursos, apoiadas na prática suja, que assumem repetir. É essa “a chama da liberdade (...) no mundo”, com pretensão de continuidade na defesa de “tudo que é bom e justo em nosso mundo”, nas palavras de Bush em 11 de setembro, o velho terrorismo.

Respondendo às intimidações dessa coletividade, o mulá Muhamad Omar Akhuzada, líder do Taleban no Afeganistão, território onde estaria o suspeito de plantão Osama bin Laden, inverte os valores daquela autocracia policial para os da democracia no Estado de direito: “Nós (...) estamos preparados para mais conversas. (...) Se vocês têm alguma evidência contra Osama, entreguem-na à Suprema Corte do Afeganistão, aos ulemás de três países islâmicos”. Replica Ari Fleischer, porta-voz: “A mensagem do presidente George Bush para o Taleban é muito simples: o momento é de ação, não de negociação”.

Em Nova York, cartazes com “Paz e amor para Nova York”, “Alá ama a América”, “Outra guerra não é uma boa resposta”. Pesquisa do instituto Gallup, realizada de 14 a 17 de setembro em mais de 31 países, indicia a coletividade-família. A maioria da população mundial desautoriza a coletividade-bando EUA, na indistinção política entre terroristas (força) e países que os apóiam (mando), com ataque militar a estes, preferindo solução civilizada e própria das coletividades-estado, com extradição e julgamento, exceto a população dos EUA (54 por cento), Índia (72 por cento) e Israel (77 por cento). Faz sentido.

Outro indício da dominância criativa da coletividade-família foi o *show América: um Tributo aos Heróis*, realizado em 21 de setembro pelas redes ABC, CBS, Fox e NBC, transmitido por televisão, rádio e Internet, e objetivando arrecadar fundos para as vítimas da coletividade-bando. Dispensando o tom patriótico destrutivo, preferiu o pacifista. Desacatando a censura, ouviu-se a paz cantada de *Imagine*, na voz do canadense Neil Young. A auferidade da paz contagia. □

**Luiz Sergio Modesto** é Doutor em Política (Teoria do Estado, USP) e Doutor em Comunicação (Comunicação e Semiótica, PUC-SP).